



Ciência Política: Debates temáticos 2

Elói Martins Senhoras
(Organizador)

**Atena**
Editora
Ano 2022



Ciência Política: Debates temáticos 2

Elói Martins Senhoras
(Organizador)

**Atena**
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Ciência política: debates temáticos 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Elói Martins Senhoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciência política: debates temáticos 2 / Organizador Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0089-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.899221705>

1. Ciência política. I. Senhoras, Elói Martins (Organizador). II. Título.

CDD 320

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A Ciência Política trata-se de um campo epistemológico que nasce com o movimento do Renascentismo na Europa e desde então evoluiu por trajetórias históricas diferenciadas no mundo, tanto, de natureza disciplinar, quanto multidisciplinar, com a difusão de distintos paradigmas ideológicos, bem como uma pluralidade de marcos teóricos e de procedimentos metodológicos de levantamento e análise de dados.

Partindo desta contextualização evolutiva, este livro de coletânea é apresentado para refletir, discutir ou mesmo questionar sobre a realidade complexa e multifacetada do mundo contemporâneo, a partir de um conjunto de estudos fundamentados no rigor teórico-metodológico, embora com uma linguagem simples e didática, acessível a um amplo público de potenciais leitores.

A complexidade existente no mundo material e do mundo das ideias é captada neste livro a partir de dezesseis capítulos que compartilham a preocupação de apresentar os respectivos debates e análises temáticas dentro de um explícito rigor científico, sem perder a contextualização de um implícito ecletismo teórico-metodológico, característico do campo de Ciência Política.

Os dezesseis capítulos apresentados neste livro, “Ciência Política: Debates Temáticos 2”, são fruto de um plural trabalho desenvolvido coletivamente por um conjunto de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros e estrangeiros comprometidos para a apreensão da realidade empírica contemporânea e que acabam por repercutir cientificamente no enriquecimento do campo científico da Ciência Política.

Neste sentido, o contexto de crescente fluidez e complexidade da realidade faz emergir novos desafios, problemas à humanidade, razão pela qual são demandadas novas agendas temáticas, lógicas e discursivas para se refletir como o campo científico da Ciência Política, sendo elas exploradas na presente obra para explicar e responder positivamente aos múltiplos assuntos e campos de poder inerentes nos tempos atuais.

A construção epistemológica apresentada neste trabalho coletivo busca romper consensos, findando demonstrar a riqueza existente no anarquismo teórico e metodológico do campo da Ciência Política em resposta à complexa realidade empírica, razão pela qual convidamos você leitor(a) a nos acompanhar à luz do ecletismo registrado nos estimulantes estudos empíricos deste livro.

Ótima leitura!

Elói Martins Senhoras

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL NA POLÍTICA: UMA INTRODUÇÃO AOS CAMPOS DE ESTUDO E FUNÇÕES

Sergio Fernandes Senna Pires

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8992217051>

CAPÍTULO 2..... 15

A MENTIRA NO DEBATE POLÍTICO: OMITIR É MENTIR?

Sergio Fernandes Senna Pires

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8992217052>

CAPÍTULO 3..... 26

IDEOLOGIAS POLÍTICAS: UMA PESQUISA COMO METODOLOGIA DE ENSINO NO ENSINO MÉDIO

Claudyanne Rodrigues de Almeida

Karina Andrea Tarca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8992217053>

CAPÍTULO 4..... 30

IMPERIALISMO EM AMÉRICA LATINA: CONTRIBUIÇÕES DE MARIÁTEGUI E ZAVALETA

Aline Recalcatti de Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8992217054>

CAPÍTULO 5..... 38

ACERCAMIENTO A LA DEFINICIÓN DE CLASE POLÍTICA

Eduardo Gabriel Barrios Pérez

Guadalupe H. Mar Vázquez

Miguel Ángel Barragán V.

María Teresa de Jesús Arroyo G.

José Luis Cerdán Díaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8992217055>

CAPÍTULO 6..... 49

CLASSES E LUTA DE CLASSES: REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS CLASSES SOCIAIS NAS OBRAS DE NICOS POULANTZAS E ERIK OLIN WRIGHT

Felipe de Queiroz Braga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8992217056>

CAPÍTULO 7..... 64

AS POSTAGENS FALAM: UM ESTUDO SOBRE OS POSTS DE MAIOR ALCANCE DE MOVIMENTOS ANTICORRUPÇÃO NO BRASIL

Davi Barboza Cavalcanti

Demétrius Rodrigues de Freitas Ferreira

Sheila Borges de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8992217057>

CAPÍTULO 8..... 80

ATIVISMO JUDICIAL E JUDICIALIZAÇÃO DA POLÍTICA NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Clidenor Marcos Vaz Campelo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8992217058>

CAPÍTULO 9..... 93

A CARACTERIZAÇÃO DO MERO ABORRECIMENTO COMO UM CRITÉRIO PARA CONTER A INDÚSTRIA DOS DANOS MORAIS

Juliano Ralo Monteiro

Maria Auxiliadora Pinto de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8992217059>

CAPÍTULO 10..... 107

O PERFIL DA TRANSPARÊNCIA NA GESTÃO MUNICIPAL: AVALIAÇÃO DOS PORTAIS DOS EXECUTIVOS E LEGISLATIVOS DA REGIÃO FUNCIONAL DE PLANEJAMENTO 7 (RF-7)

Tiago Rodrigo Lutzer Tizotte

Mateus Zounar Marques

Nelson José Thesing

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89922170510>

CAPÍTULO 11..... 122

POLÍTICA TRIBUTÁRIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: A GUERRA FISCAL COMO OBSTÁCULO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS DE DESENVOLVIMENTO

Kauly Furiama Santos

Maria Juraci Teresa Sampaio dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89922170511>

CAPÍTULO 12..... 135

PESQUISA EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS – RELEVÂNCIA PARA O BRASIL

Adelcio Machado dos Santos

Dreone Mendes

Rubens Luis Freiburger

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89922170512>

CAPÍTULO 13..... 144

A FORMAÇÃO DO OFICIAL AVIADOR NA FORÇA AÉREA: ANÁLISE SOBRE A CONFIGURAÇÃO CURRICULAR SOB A PERSPECTIVA DOS NORMATIVOS DE DEFESA

Maria Alessandra Lima Moulin

Paulo Pereira Santos

Cristina Massot Madeira Coelho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89922170513>

CAPÍTULO 14.....	160
POLÍTICA NACIONAL FRENTE A LA TRATA DE PERSONAS Y SUS FORMAS DE EXPLOTACIÓN EN LA PROVINCIA DE SAN ROMÁN - PERÚ	
Enrique Gualberto Parillo Sosa	
Virginia Guadalupe Pacompia Flores	
Carmen Eliza Zela Pacori	
Illich Xavier Talavera Salas	
José Oscar Huanca Frias	
Juan Manuel Tito Humpiri	
Lucio Ticona Carrizales	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89922170514	
CAPÍTULO 15.....	168
ANÁLISE DE UMA SOCIEDADE ONDE A ARISTOCRACIA E A MONARQUIA PREVALECIAM COMO FORÇA SOCIAL POLÍTICA E ECONÔMICA	
Luciene Guisoni	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89922170515	
CAPÍTULO 16.....	182
CONSTRANGIMENTOS E DESAFIOS DOS MODELOS DE REASSENTAMENTO EM MOÇAMBIQUE (2009-2018)	
Mário Mubango Cossane	
Paulo Domingos Muenda Muerembe	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89922170516	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	191
ÍNDICE REMISSIVO.....	192

CAPÍTULO 6

CLASSES E LUTA DE CLASSES: REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS CLASSES SOCIAIS NAS OBRAS DE NICOS POULANTZAS E ERIK OLIN WRIGHT

Data de aceite: 01/04/2022

Felipe Queiroz

Doutorando em ciência Política pela
Universidade Estadual de Campinas –
UNICAMP.

Bolsista da CAPES.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4285-7833>

RESUMO: Este artigo se propõe a fazer uma análise crítica sobre alguns dos problemas levantados pelas teorias das classes sociais desenvolvidas por Nicos Poulantzas e Erik Olin Wright. Mais precisamente, este artigo situa-se em torno duma análise comparativa dos conceitos utilizados pelos autores na definição e delimitação das classes sociais. Os dois autores têm posições diferentes sobre o tema e deram origem a um rico debate teórico ao longo da década de 1980, com implicações teóricas e políticas. O artigo é composto por três partes, além da introdução e das considerações finais. Na primeira parte, apresentamos as definições de Poulantzas sobre classe e luta de classes desenvolvidas nas obras *Pouvoir politique et classes sociales* (1968) e *Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui* (1974). Na segunda parte, apresentamos as análises de Olin Wright sobre o tema e discutimos sobre as críticas que este dirige à Poulantzas no artigo *Class boundaries in advanced capitalist society*. Na terceira parte apresentamos a réplica de Poulantzas à Olin Wright.

PALAVRAS-CHAVE: Classe social; luta de classes; marxismo; Poulantzas; Olin Wright.

CLASSES AND CLASS STRUGGLE:
CRITICAL REFLECTION ON SOCIAL
CLASSES IN THE WORKS OF NICOS
POULANTZAS AND ERIK OLIN WRIGHT

ABSTRACT: This essay proposes to make a critical analysis of some of the problems raised by the theories of social classes developed by Nicos Poulantzas and Erik Olin Wright. More precisely, this essay is based on a comparative analysis of the concepts used by the authors in the definition and delimitation of social classes. The two authors who had different positions on the subject and gave rise to a long and rich theoretical debate throughout the 1980s, with theoretical and political implications. The essay consists of three parts, in addition to the introduction and final remarks. In the first part, we present Poulantzas' definitions of class and class struggle developed in the works *Pouvoir politique et classes sociales* (1968) and *Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui* (1974). In the second part, we present Olin Wright's analysis on the subject and discuss the criticisms he makes to Poulantzas in the article *Class boundaries in advanced capitalist society*. In the third part we present Poulantzas's replica to Olin Wright.

KEYWORDS: Social class; class struggle; Marxism; Poulantzas; Olin Wright.

INTRODUÇÃO

Marx nunca definiu de modo sistemático o conceito de classe. Ele pretendia abordar esse tema no capítulo final d'*O Capital*, Volume

3, intitulado “Classes”, mas, sua morte repentina, fez com que o capítulo ficasse inacabado. Como lembrou Olin Wright (2013, p. 17), esse capítulo foi interrompido pouco após Marx elaborar a questão central sobre o tema: “o que constitui uma classe?”. A ausência de uma definição específica e rigorosa por parte de Marx não significou que o conceito não tivesse uma definição minimamente consistente em sua obra. Diferentes autores, entre eles Althusser e Poulantzas, apontam que esse conceito estava presente em “estado prático” nas obras de Marx e Engels. O fato de o conceito estar presente em estado prático não impediu que o mesmo tivesse diferentes interpretações ao longo do tempo.

Por outro lado, as transformações econômicas, sociais e políticas decorrentes das alterações no capitalismo contemporâneo têm posto à prova muitos conceitos e categorias analíticas tradicionais. A precarização das relações de trabalho, o desemprego em massa, especialmente entre os jovens (CARMO; D’AVELAR, 2021; CARMO; MATIAS, 2019) e o surgimento de novas formas de trabalho ou, mais precisamente, de novas formas exploração da força de trabalho – como os trabalhos por aplicativos e o surgimento do fenômeno da uburização (FILGUEIRAS; DUTRA, 2021; LIMA; BRIDI, 2019) – são apenas alguns exemplos dos desafios teóricos e analíticos apresentados aos cientistas sociais contemporâneo.

Renato Miguel do Carmo e Ana Rita Matias (2019, p. 53) apontam que “a persistência de níveis elevados de desemprego e inatividade entre os indivíduos na faixa etária dos 15 aos 29 anos [...] fez emergir preocupações sobre as suas consequências ao nível da coesão das sociedades”, uma vez que a precaridade tem afetado tanto a dimensão *objetiva* da vida dos jovens, isto é, sua condição material quanto *subjetiva*, relacionada à sua condição existencial, enquanto sujeito no mundo. Noutro trabalho, Carmo e D’Avelar (2021) fazem uma pesquisa em profundidade para mostrar como o desemprego persistente tem afetado a subjetividade dos indivíduos. Esse tipo de investigação, como bem apontam Carmo e D’Avelar (2021, p. 757), são de fundamental importância para o melhor entendimento da condição de vida da crescente fração da sociedade que vive em situação de desemprego prolongado. Os diferentes estudos que tratam desta temática apontam para uma questão analítica de fundamental importância: a qual classe essas pessoas pertencem? Podemos elaborar a mesma questão de outra forma: Os jovens precarizados, que possuem alta escolaridade, mas quase não têm empregos, que ora exercem alguma atividade remunerada ora se aventuram como “empreendedores”, devem ser considerados analiticamente como? Como classe trabalhadora, como “nova pequena burguesia”, classe média ou “classe contraditória”? Será que essas categorias analíticas dão conta deste novo fenômeno social?

Não objetivamos, diretamente, responder a estas questões – que por si só, já constituem um objeto de investigação de doutoramento –, mas, indiretamente, contribuir com as reflexões sobre o tema, ao revistar uma importante discussão travada dentro teoria marxista sobre o tema das classes sociais.

Este artigo, portanto, tem o objetivo fazer uma reflexão crítica sobre o debate entre Nicos Poulantzas e Erik Olin Wright, na década de 1980, em torno dos conceitos de classe e luta de classes. O debate entre os autores teve início com a publicação do livro *Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui*, em 1974, por Poulantzas e a crítica E. O. Wright publicada dois anos depois nas páginas da *New Left Review*, intitulada “*Class boundaries in advanced capitalist society*” (1976).

Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui, assim como a primeira grande obra do filósofo grego radicado na França, *Pouvoir politique et classes sociales de l'état capitaliste*¹, em 1968, deu origem a longos e extensos debates campo das ciências sociais. Nos limites deste trabalho não objetivaremos reconstituir todo o debate teórico e político que a obra suscitou, antes delimitaremos nossa reflexão apenas à crítica feita pelo sociólogo norte-americano, Erik Olin Wright e a posterior replicada de Poulantzas.

A escolha deste debate não foi aleatória. Por um lado, a publicação de *Les classes sociales...*, como já citamos, deu início a um rico debate sobre a definição e o lugar das classes dentro do modo de produção capitalista que não se circunscreveu aos dois autores. A delimitação da discussão deste trabalho às posições de Poulantzas e Olin Wright sobre o tema das classes sociais, se deu, em primeiro lugar, em decorrência da importância da crítica do sociólogo norte-americano aos conceitos de classe trabalhadora e classe produtiva de Poulantzas. Como pontuou Mozzicafreddo (1981, p. 6), “a mais importante crítica à formulação de Poulantzas, sobretudo no que diz respeito à delimitação das fronteiras entre as classes e à pertinência da inclusão dos critérios político e ideológicos, conjuntamente com o econômico, na determinação estrutural das classes” foi feita por Olin Wright. Não por acaso, Poulantzas, em conferência organizada Partido Comunista Inglês sobre “Classes e Estrutura das classes”, realizada em Novembro de 1976, em Londres (HUNT, 1982a), deu especial atenção às críticas de E. O. Wright ao seu trabalho (POULANTZAS, 1982). Além do valor histórico do debate – que por si só já se apresenta como uma justificativa plausível e meritória para escolha do objeto de estudo – a escolha deste tema decorreu de sua importância analítica e os contributos provenientes dele ao estudo das transformações econômicas, sociais e políticas do capitalismo contemporâneo.

O capitalismo em sua fase neoliberal tem produzido alterações significativas nas relações econômicas, sociais e políticas contemporâneas, de modo que elas, em grande medida, têm se apresentado aos cientistas sociais como uma espécie de enigma da esfinge: “decifra-me ou te devoro”. Por isso, entendemos que retomar a discussão entre Poulantzas e Olin Wright sobre as classes sociais, por um lado, ajudará a melhor situar a discussão sobre as classes sociais e, por outro lado, contribuirá com os trabalhos analíticos e as pesquisas empíricas sobre as diferentes classes e frações de classe.

1 Nicos Poulantzas, *Pouvoir politique et classes sociales*, 2 vols., Paris, Maspero, 1971. Neste trabalho utilizaremos a nova edição em língua portuguesa da obra: ver. Nicos Poulantzas, *Poder político e classes sociais*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1977.

Os dois autores deram seqüência à importantes escolas de pensamento dentro do marxismo – Nicos Poulantzas², especialmente nas obras analisaremos neste artigo, à escola althusseriana com a leitura estrutural das obras de Marx, enquanto Erik Olin Wright, a maior parte de sua produção teórica integrou a corrente do marxismo analítico –, e o contributo de suas reflexões são ainda atuais, com importantes e ricas análises sobre o Estado capitalista e as classes sociais³.

Dividiremos o trabalho em uma introdução, três partes e uma conclusão. Na primeira, apresentamos as principais ideias e análises de Poulantzas sobre as classes sociais e a luta de classes. Na segunda parte, apresentamos as críticas de Olin Wright à análise de Poulantzas e os conceitos alternativos apresentados pelo sociólogo norte-americano, como classes “contraditórias”. Na terceira e última parte, apresentamos a réplica de Poulantzas às críticas de Olin Wright. Por fim, a título de considerações finais, apresentamos alguns apontamos críticos com o objetivo de contribuir com o debate.

1 | AS CLASSES SOCIAIS NA OBRA DE NICOS POULANTZAS

Pouvoir Politique et Classes sociales (1968) é o texto que fundamenta teórica e analiticamente os trabalhos seguintes de Poulantzas, especialmente *Fascisme et dictature* (1970), *Les classes sociales dans le capitalisme aujourd’hui* (1974), *Le crise des Dictatures - Portugal, Grèce, Espagne* (1975)⁴. O objeto de Poulantzas em seu trabalho de 1968, como o próprio título da obra indica, são o poder político de Estado e as classes sociais. Em sua análise deste objeto, o autor defende que o Estado, especialmente no modo de produção capitalista, é o resultado da articulação entre as estruturas econômica, política e ideológica, e cada uma dessas estruturas possuem autonomia relativa em relação às demais e, não menos importante, as classes sociais e a luta de classes se manifestam em

2 No caso específico da obra de Poulantzas, há contributos em diferentes áreas, desde a sociologia até a economia, passando pela ciência política e as relações internacionais. Os trabalhos de Poulantzas deram origem a uma linha específica de análise no campo da Ciência Política, que conjuga a análise das classes e frações de classe que estão em disputa pela hegemonia política no bloco no poder e a reflexão sobre o poder de Estado. Talvez o melhor exemplo dessa linha de pesquisa sejam os trabalhos desenvolvidos pela denominada “Escola Poulantziana de Campinas” (BER-RINGER, 2020) que têm produzido análises originais sobre as conjunturas brasileira e latino-americanas.

3 Não poderemos nos limites deste trabalho fazer um levantamento exaustivo das obras produzidas pelos autores e/ou derivadas diretamente de suas reflexões. Por isso, apontaremos apenas introdutoriamente alguns dos desdobramentos dos trabalhos de Poulantzas e Olin Wright. Conforme indica Motta (2009), nas duas últimas décadas, a obra de Nicos Poulantzas recuperou o prestígio no meio acadêmico internacional. Além das reedições das obras nos países de língua inglesa, alemã e espanhola, muitos trabalhos têm sido escritos a partir das reflexões e análises do filósofo radicado na França. A coletânea de artigos organizados por Aranowitz e Bratsis (2002), os trabalhos de Boito Jr. (2007, 2018, 2019a), Martin (2008), Saes (1998b, 1998a) Saes e Farias (2021), as *Jornadas de Estudos Nicos Poulantzas* e os dossiês especiais publicados pelas revistas *Crítica Marxista*, em 2008, e *Cadernos CeMarx*, em 2019. Em relação ao trabalho de Olin Wright, não ocorreu de forma diferente. Apenas para nos restringirmos aos exemplos das obras em língua portuguesa, os trabalhos do autor têm sido traduzidos (WRIGHT, 2013, 2019) e há uma vasta produção sociológicas baseada em conceitos derivados de suas reflexões. Mais recentemente, em 2021, a *Revista Crítica de Ciência Sociais* (n. 124), publicou um dossiê em homenagem ao trabalho do sociólogo norte-americano.

4 Já em seu último trabalho, *L’État, le pouvoir, le socialisme* (1978), Poulantzas abandona algumas teses de seu primeiro trabalho. Como aponta Boito Jr. (2019b, p. 12), Poulantzas, em seu último trabalho, “abandonou o conceito de Estado da sua obra anterior, particularmente a tese segundo a qual o Estado capitalista é uma instituição dotada de normas e valores característicos que correspondem, objetiva e necessariamente, às exigências da reprodução das relações de produção capitalista”.

cada um desses níveis. Por isso, Poulantzas busca elaborar nesse trabalho conceitos que deem conta de analisar como as classes e a luta de classes se manifestam nos níveis da superestrutura política e ideológica.

A tese defendida por Poulantzas é de que as classes sociais não são determinadas exclusivamente ao nível econômico, nas relações de produção, mas também nos níveis político e ideológico, isto é, a partir das relações sociais de produção. Com esta compreensão das classes sociais, Poulantzas opõe-se as interpretações “economicistas” presentes, inclusive dentro do próprio marxismo – especialmente entre os integrantes da II Internacional Comunista, como Kautsky e os dirigentes socialistas, e da III Internacional, especialmente Lukács (BOITO JR., 2007, p. 195) –, que restringiam a compreensão da classes sociais apenas à dimensão econômica. Segundo Poulantzas, para os adeptos da leitura economicista, “a classe social estaria localizada unicamente no nível das relações de produção, [...] ou seja, reduzida ao lugar dos agentes no processo de trabalho e às suas relações com os meios de produção” (POULANTZAS, 2019, p. 64). Poulantzas, em sua crítica ao economicismo, aponta que é possível verificar nas análises de Marx, no tocante às classes sociais, que há sempre referência “não simplesmente à estrutura econômica – relações de produção –, mas ao conjunto das estruturas de um modo de produção e de uma formação social, e às relações que aí mantêm os diversos níveis” (*Ibidem*, p. 65). Neste sentido, argumenta o autor, as relações de produção no modo produção capitalista são sobredeterminadas pelas superestruturas jurídico-política e ideológica, e, por isso mesmo, as classes e a luta de classes se manifestam tanto no nível da estrutura econômica quando nos níveis da superesturuta jurídico-política e ideológica – apesar de o econômico possuir determinação em última instância da luta de classes.

As classes sociais, portanto, dentro da análise poulantziana, apresentam-se como o “efeito de um conjunto de estruturas e relações, no caso; 1º) do nível econômico; 2º) do nível político; e 3º) do nível ideológico” (*Idem*, p. 65). Como a classe social se apresenta como efeito das estruturas e das relações nesses três níveis, em cada um desses níveis também é possível identificar o “efeito” da classe social. O fato de ser possível observar as classes sociais em cada um desses níveis, não significa nem que cada uma desses níveis ou instâncias tenham total autonomia em relação as demais nem que haja uma ordem de subordinação entre elas, cada uma possui, nas palavras do próprio autor, uma “autonomia relativa”, mas, como citamos anteriormente, há uma determinação em última instância pelo econômico (*Ibidem*, p. 65-66).

Poulantzas, em *Poder Político e Classes Sociais*, define classe social da seguinte forma:

De modo preciso, a classe social é um conceito que indica os efeitos do conjunto das estruturas, da matriz de um modo de produção ou de uma formação social sobre os agentes que constituem os seus suportes; esse conceito indica pois os efeitos da estrutura global no domínio das relações sociais. (POULANTZAS, 2019, p. 65, grifos do autor).

Desta definição de classe social deriva-se as seguintes considerações analíticas: (i) as classes sociais são efeito da luta de classes travadas nas diferentes instâncias de um modo de produção ou uma formação social; e ii) a determinação em última instância da luta econômica de classe pode se apresentar, inclusive, como um “um deslocamento do papel dominante para um outro nível da luta de classe - luta política, luta ideológica” (*Idem*, p. 66).

A análise de Poulantzas, neste sentido, transcende o “essencialismo”, que compreende haver apenas as duas classes fundamentais do modo de produção capitalista em disputa (burguesia e proletariado), o “economicismo” e o “empiricismo”, ao apontar que as classes sociais não são determinadas apenas pela “presença empírica” na relação de produção numa formação social específica.

Poulantzas procura demarcar a distinção entre as lutas econômicas e as lutas políticas e o conseqüente efeito destas sobre a análise da luta de classe. Para o autor, as classes se manifestam, sobretudo, no nível político. Esta afirmação nem diminui a importância do econômico na determinação das classes sociais nem altera o fato de que a determinação em última instância da classe social é econômica.

O desafio que se apresenta na leitura poulantziana das classes sociais é o de “determinar o modo de presença das classes no interior de uma formação social” (*Idem*, p. 74). O próprio Poulantzas reconhece a complexidade desta determinação, uma vez que “certas classes distintas, concebíveis na análise dos modos de produção ‘puros’ que compõem uma formação, apresentam-se frequentemente em na formação social dissolvidas e fundidas com outras classes, como frações” (*Idem*, p. 75). O critério que o autor utiliza para apontar a presença de uma classe ou fração de classe não apenas ao nível econômico, mas também aos níveis político e ideológico é através dos *efeitos pertinentes*. Segundo Poulantzas, “poder-se-á dizer que esta presença existe sempre que a relação com as relações de produção, o lugar no processo de produção, se reflete sobre os outros níveis por efeitos pertinentes”. O autor completa ainda que, “estes ‘efeitos pertinentes’ podem, aliás, ser referenciados tanto nas estruturas políticas e ideológicas como nas relações sociais políticas e ideológicas de classe” (*Idem*, p. 76). A verificação dos “efeitos pertinentes” permite aferir tanto a existência quanto a ação de uma classe ou fração de classe nas instâncias política e ideológica mesmo que esta esteja não esteja necessariamente representada, ou mais precisamente, *subdeterminada*⁵ no nível da estrutura econômica. Nas palavras do autor, os “efeitos pertinentes” permitem “localizar de forma precisa o limiar a partir do qual uma classe subdeterminada existe, isto é, funciona, em uma formação, como classe distinta, com força social” (POULANTZAS, 2019, p. 79–80).

É importante ver bem que a existência de uma classe numa formação supõe a sua presença no nível político por «efeitos pertinentes», que não precisam,

5 A subdeterminação de algumas classes sociais é o resultado, segundo Poulantzas, da “dominação, em uma formação social, das classes do modo de produção dominante, por um lado, e a relação entre as estruturas políticas e ideológicas de uma formação e a classe ou as classes dominantes do modo de produção dominante, por outro” (POULANTZAS, 2019, p. 79).

no entanto, se estender até a organização política «própria», estritamente falando, ou a constituição de uma ideologia «própria» dessa classe. Com efeito, a dominação, numa formação social, das classes do modo de produção dominante, por um lado, e a relação entre as estruturas políticas e ideológicas de uma formação e a(s) classe(s) dominante(s) do modo de produção dominante, por outro lado, explicam a subdeterminação frequente das outras classes. (POULANTZAS, 2019, p. 80).

Como vimos até aqui, Poulantzas busca desenvolver uma análise complexa das classes e da luta de classes, com a articulação entre os diferentes níveis econômico, político e ideológico, e mostrar que há uma intrincada e complexa relação entre classes, frações de classe e camadas sociais em cada um desses níveis. Para analisar a relação de cada classe e fração de classe, o autor busca fazer a distinção entre fração de classe e camada social (POULANTZAS, 2019, p. 82). Esta distinção é pertinente sobretudo no nível político. Poulantzas aponta que as frações de classe podem, por meio de seu *efeito pertinente* a nível político, se apresentar como forças sociais em presença, com possibilidade de influenciar o curso da política de Estado. O mesmo não ocorre com as camadas sociais, que, apesar de possuírem importância a nível da estrutura econômica, não se transformam em forças sociais com efeitos pertinentes a nível político, por isso não se constituem como frações de classe com capacidade de se apresentarem como uma força social a nível político. Poulantzas, para ilustrar a definição entre essas duas categorias, cita como exemplo a análise de Lênin, em *O Imperialismo: fase superior do capitalismo* (2000), sobre a “aristocracia operária” e mostra como esta camada social, apesar dos efeitos produzidos sobre a prática política da classe trabalhadora, não constituía uma “força social”. Neste sentido, conclui Poulantzas, as camadas sociais se apresentam como “efeitos secundários da combinação dos modos de produção, certas franjas-limites das classes, categorias e frações que podem, sem ser forças sociais, influir sobre a prática política daquelas”(POULANTZAS, 2019, p. 83)⁶.

Essa distinção é importante para mostrar (i) que as conjunturas concretas sempre se apresentam como uma combinação complexa dos modos de produção, de classes e frações de classe; (ii) que no interior de uma classe social pode haver diferentes tipos de divisões e segmentações e nem sempre estas divisões se apresentam como expressão do fracionamento de classe; e (iii) que a luta de classes nem sempre une uma mesma classe, podendo, a depender da conjuntura econômica, social e política do período produzir

6 A partir desta distinção de Poulantzas, entendemos que se abre um vasto campo de investigação e reflexão sobre a realidade social. Vejamos apenas um exemplo: os trabalhadores contemporâneos que têm sofrido profunda precarização econômica e social por conta da ascensão das novas formas de trabalho, como, por exemplo, os “uberês”, eles devem ou não ser caracterizados como uma “camada social” da classe trabalhadora, uma vez que estão na “franja-limite” desta classe? E os jovens precarizados – que, apesar de possuírem alto grau de escolarização, não possuem nem empregos nem perspectivas de tê-los –, eles devem ser caracterizados apenas como uma “camada social” ou, contrariamente, devem ser classificados e analisados como uma “fração de classe autônoma”? Esses jovens, vale lembrar, possuem relações intermitentes com o mercado de trabalho, ora como integrantes da classe trabalhadora ora como (pseudos) empreendedores. Em todo caso, a despeito dessa condição incerta e de insegurança em relação ao mercado de trabalho e ao futuro, esses jovens precarizados já apresentam-se como uma força social não desprezível e seu “efeito pertinente” tem sido perceptível no nível da superestrutura política de diferentes Estados-nação.

posições aparentemente contraditórias no seio de uma mesma classe.

A compreensão deste fato será fundamental para análise desenvolvida por Poulantzas em *Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui*. Neste trabalho o autor dará ênfase à luta política das classes sociais e procurará evidenciar como as diferentes classe e frações de classe atuam na cena política e como os diferentes tipos de fracionamento no interior de uma mesma classe podem produzir efeitos contraditórios na luta política.

Talvez a tese mais polêmica desenvolvida por Poulantzas neste trabalho – e que deu origem ao debate travado tanto com Olin Wright (1976) quanto com Stuart Hall (1982) e com Alan Hunt (1982b) – seja a distinção entre classe operária e nova pequena burguesia. Poulantzas argumenta que apesar de estas classes distintas não deterem a posse dos meios de produção, e se apresentarem no âmbito econômico como integrantes da “classe assalariada”, elas possuem posições distintas em âmbito econômico, político e ideológico, o que produz profundas implicações ao movimento socialista e à luta de classes. Noutros termos, a nova pequena burguesia faz parte da classe assalariada, mas não faz parte da classe operária. Em âmbito econômico, a classe trabalhadora produz trabalho *produtivo*, enquanto a nova pequena burguesia produz trabalho *improdutivo*. Para Poulantzas a distinção central entre trabalho produtivo e improdutivo não é a exploração do trabalho, uma vez que em ambos se constata a exploração pela classe burguesa, mas a extração de mais-valia. Poulantzas defende a produção de mais-valia está ligada diretamente ao trabalho produtivo, enquanto o trabalho de “gerência”, “supervisão” e “controle” exercidos sobre a produção não produzem mais-valia.

Esta distinção entre classe produtiva e nova pequena burguesia torna-se mais evidente quando observamos os efeitos dessas classes nas superestruturas política e ideológica, por meio das lutas política e ideológica de classes. No âmbito político, argumenta Poulantzas, as atividades de supervisão e de gerência representam o controle e a dominação política do capital sobre a classe operária. Ainda que a nova pequena burguesia no nível das relações econômicas de produção seja explorada tal qual a classe operária, no nível político ela participa da dominação política da classe operária.

No nível ideológico, Poulantzas aponta a distinção existente entre *trabalho manual*, característico da classe operária, e *trabalho mental*, característico da nova pequena burguesia. É no nível ideológico que a nova pequena burguesia se afirma enquanto classe distinta. A nova pequena burguesia possui a mesma relação ideológica que a pequena burguesia tradicional tem com a luta de classes entre a burguesia e o proletariado.

Essa classe busca se afastar da classe proletária, pois teme a “proletarização”, e, por outro, se aproximar da burguesia. Isto evidencia a posição instável desta classe, que, como veremos mais adiante, levou Olin Wright a denominá-la de “classes contraditórias”. A pequena burguesia busca se afirmar enquanto classe distinta a partir da ideologia. Os elementos centrais da ideologia tanto da nova quanto da pequena burguesia tradicional são

o reformismo, o individualismo, o fetichismo do poder e a “meritocracia”.

O problema levantado por Poulantzas sobre a denominada “nova pequena burguesia” é, na realidade, o problema da “especificação da fronteira da classe operária. Por isso, salienta o autor, “não é um problema meramente teórico”, mas “envolve questões política da maior importância referentes ao papel da classe operária e das alianças na transição para o socialismo” (POULANTZAS, 1982, p. 129).

Esta distinção entre está no centro da polêmica entre Poulantzas e Wright, como veremos a seguir.

2 I AS CLASSES SOCIAIS NA OBRA DE OLIN WRIGHT

Olin Wright desenvolve seus estudos sobre as classes sociais apoiado nos contributos de diferentes tradições do marxismo, desde a escola althusseriana e sua análise sobre a relação entre as distintas instâncias estruturais do modo de produção capitalista, até o marxismo analítico, com os trabalhos de Gerald Cohen e Adam Przeworski.

Erik Olin Wright entende que o marxismo é composto por três vértices conceptuais que estão em interligação: (i) marxismo como teoria normativa emancipatória; (ii) marxismo como análise de classes; e (iii) marxismo como teoria da história (1992b, 1992a, p. 21–22, 2013). A partir desta matriz analítica, Olin Wright desenvolve uma análise da luta de classes que não estivesse restrita apenas aos aspetos estruturantes, como o fez Nicos Poulantzas, que deu grande ênfase em sua obra às estruturas econômica, política e ideológica, mas a partir da inter-relação entre estrutura de classe, formação de classe e luta de classes. Olin Wright entende as classes sociais não devem ser definidas apenas por suas posições numa estrutura social, mas como forças sociais que são moldadas pelas estruturas sociais e que também exercem influência sobre elas. Esta é, em nosso entender, a característica principal do trabalho do sociólogo norte-americano.

Sua investigação sobre a denominada “classe média” buscava dar uma resposta, ou mais precisamente, apresentar uma interpretação marxista para o fenômeno que já era alvo de estudo de diferentes correntes sociológicas (WRIGHT, 2013, p. 38). Porém, em sua visão, a divisão de classe proposta por alguns estudiosos marxistas, entre eles Poulantzas, não dava conta deste novo fenômeno nem compreendia com precisão a situação real da classe trabalhadora. A divisão poulantziana entre classe operária e nova pequena burguesia, na visão de Olin Wright, produzia uma compreensão distorcida sobre o tamanho da classe trabalhadora. Quando os conceitos poulantzianos eram aplicados a uma situação concreta havia uma “não correspondência” com os dados estatísticos. De acordo com o sociólogo, seguindo a divisão de classe proposta por Poulantzas, a classe operária norte-americana na década de 1970 estaria reduzida a cerca de 20% do total da força de trabalho do país, o que seria muito pouco para um país como os Estados Unidos (WRIGHT, 1976).

Este é o ponto que está no centro da divergência entre Olin Wright e Poulantzas⁷. Segundo o sociólogo estadunidense, a tipologia proposta por Poulantzas é problemática e não possui operacionalização:

A tipologia de classe de Poulantzas é construída em torno da intersecção de três critérios básicos: trabalho produtivo/não produtivo, trabalho manual/mental e supervisão. Destes, o mais problemático é o primeiro. Particularmente em termos de ocupações, existem muitos casos onde é um tanto ambíguo se uma determinada posição deve ou não ser considerada produtiva ou improdutiva nos termos de Poulantzas. Ao classificar as ocupações em termos de distinção entre trabalho produtivo/não produtivo [...] apresentei assim, explicitamente uma categoria ambigualmente produtiva. Na construção de uma variável de trabalho não produtivo para operacionalização no conceito de classe de Poulantzas a categoria ambígua foi combinada com as ocupações produtivas (WRIGHT, 2013, p. 326).

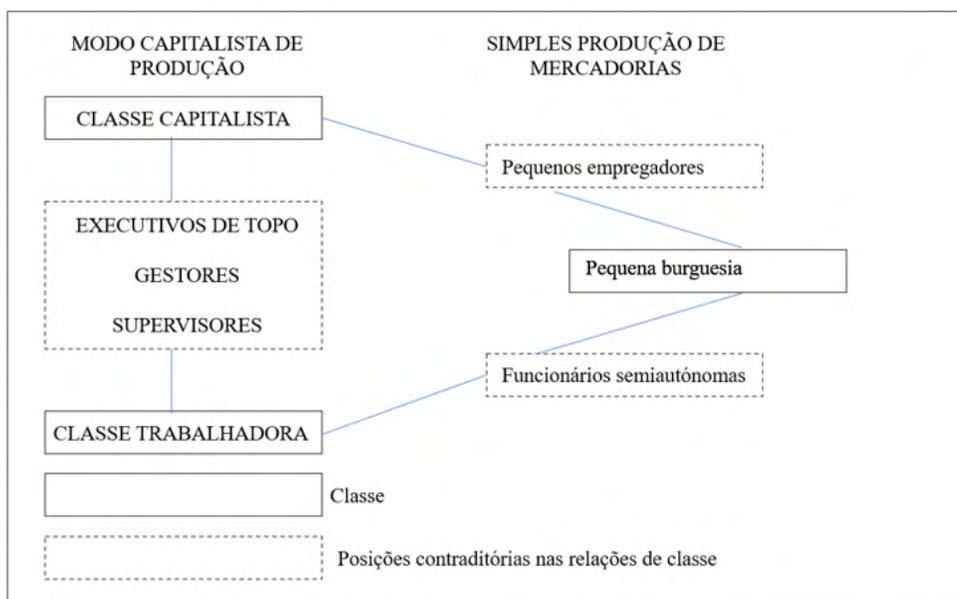
As críticas levantadas por Olin Wright ao trabalho de Poulantzas são pertinentes e apontam para problemas reais da análise das conjunturas concretas. O trabalho de Carmo e Matias (2019) é um exemplo da dificuldade de classificação desses jovens trabalhadores precarizados a partir do binômio trabalho produtivo/não produtivo. Como indicam Carmo e Matias (2019), muitos dos jovens que participaram da pesquisa de campo trabalharam ou estavam a trabalhar como motoristas de aplicativos ou em *call centers*, e segundo a classificação poulantziana de trabalho produtivo/não produtivo, esses jovens estariam a exercer atividades “não produtivas”, mas, nem por isso, entendemos, que eles deveriam ser classificados como “nova pequena burguesia”. Por outro lado, questiona Olin Wright, algumas atividades de Estado, nas quais há uma clara exploração da força de trabalho, como, por exemplo, professores e enfermeiros, também deveriam ser enquadradas como integrantes de uma nova classe, a nova pequena burguesia?

Alternativamente à conceituação poulantziana, Olin Wright defende entre as duas classes fundamentais do capitalismo, burguesia e proletariado, há um conjunto de atividades em posições intermediárias, ambíguas, que podem estar situadas simultaneamente em mais de uma classe, a depender de sua posição no processo produtivo e na relação de produção. Esta classe ou, mais precisamente, estas frações de classe, na visão de Wright, possuem “posições contraditórias” nas relações de classe (WRIGHT, 2013, p. 61–64). Este é o caso por exemplo, dos executivos, dos gestores e dos supervisores que, apesar de não possuírem a posse da propriedade econômica, podem ter seus rendimentos atrelados aos resultados da empresa ou indústria. Outro exemplo, é de gestores que recebem parte de seus rendimentos com ações da empresa. O fato de deterem a posse de ações da companhia que dirigem não os tornam proprietários dela. Neste sentido, observa Olin Wright (1976), tais posições acabam por ter comportamentos “contraditórios” tanto em

7 O debate entre Poulantzas e Olin Wright, em grande medida, é uma continuidade da divergência existente no seio do marxismo entre as escolas de pensamento anglo-saxônica e francesa. Outros importantes e interessantes debates travados entre essas duas escolas de pensamento foram os protagonizados por Althusser e Thompson, em torno do papel da Teoria e da História, e entre Poulantzas e Miliband, em torno do Estado e sua autonomia relativa.

âmbito econômico quanto político.

O quadro a seguir indica precisamente o entendimento de Olin Wright sobre as atividades que possuem “posições contraditórias nas relações de classe”. O autor distingue três diferentes grupos de atividades que possuem posições contraditórias: a primeira é a dos diretores e gestores, que possuem uma posição contraditória entre a burguesia e a pequena burguesia tradicional. O segundo grupo é formado por *pequenos empregadores*, que, apesar de empregar mão de obra terceira, também têm que trabalhar para completar a renda. Já o terceiro grupo são dos *funcionários semiautônomos*, que possuem posição contraditória entre a classe trabalhadora e a pequena burguesia. Essas diferentes categorias podem se desdobrar em diferentes tipos de organização e estruturação. Por outro lado, a depender das conjunturas econômicas, políticas e ideológicas, entendemos que pode resultar em diferentes tipos de comportamento dessas classes e frações de classe que ocupam posições contraditória. Poulantzas, em sua crítica ao conceito de classe contraditória de Olin Wright, dará especial atenção aos aspectos político e ideológicos.



Quadro 1 – Modo capitalista de produção.

Fonte: Wright (2013, p. 63).

3 I RÉPLICA DE POULANTZA À OLIN WRIGHT

Em conferência sobre as classes e estrutura de classes organizada pelo Partido Comunista Inglês, em 1976, Poulantzas deu especial atenção às críticas de Olin Wright ao seu trabalho. Por limitação de espaço, não abordaremos detalhadamente todas as questões elencadas por Poulantzas, antes focaremos em apenas nas três principais: a primeira,

metodológica, relacionada a operacionalização e aplicabilidade de seus conceitos aos casos concretos; a segunda, relacionada ao conceito de “classe contraditória”; e a terceira, política e estratégica, concernente às implicações políticas da utilização do conceito de “classe contraditória”.

Como vimos, Olin Wright critica a aplicabilidade dos conceitos poulantzianos às análises concretas. Segundo ele, se o conceito de classe operária de Poulantzas fosse aplicado ao caso concreto dos Estados Unidos, a parcela de trabalhadores que se enquadrariam nesta categoria seria muito baixa. Poulantzas, por sua vez, rebate argumentando que Olin Wright estava a compreender o conceito de modo muito limitado e, por isso mesmo, equivocado. Levando em consideração que o modo de produção capitalista, em sua fase monopolista, divide a produção industrial por diferentes partes do mundo, não seria correto, nesta situação, adotar uma visão restrita sobre o processo social. Por isso, argumenta Poulantzas, seu conceito de classe operária deveria ser utilizado dentro de uma compreensão ampliada da divisão social do trabalho, ou seja, entendê-lo como um processo ampliado, somente assim, seria possível aplicar seus conceitos à análise concreta de maneira correta.

A segunda questão diz respeito à crítica de Poulantzas ao conceito de “posição contraditória” proposto por Olin Wright. Segundo Poulantzas:

Podemos resolver o problema teórico afirmando que alguns agentes têm uma posição de classe contraditória? Isso implica que esses agentes possam ocupar posições de classe diferentes e alteráveis; sugere que podem ocupar um lugar vazio, um *no man's land* entre a burguesia e a classe operária. [...] Marx fez, afinal, uma importante constatação, no contexto desta dupla natureza do processo de trabalho, sobre o trabalho do próprio capitalista; afirma que, visto que a partir do momento em que a atividade capitalista diz respeito à direção e coordenação necessárias a todo o processo de trabalho e produção enquanto tais, pode-se dizer que o capitalista efetua um trabalho produtivo. Mas poderemos afirmar que o capitalista tem uma posição de classe contraditória, que é tanto “trabalhador” como “capitalista”? Seria um absurdo perfeito. Este conjunto de argumentos indica a natureza geral da minha resposta ao artigo de Wright. (POULANTZAS, 1982, p. 134–135).

A terceira questão que o debate entre Poulantzas e Olin Wright diz respeito ao “importante problema da transição para o socialismo, assim como o problema da hegemonia da classe operária” (POULANTZAS, 1982, p. 136). Poulantzas defende que as divisões entre trabalho produtivo/não produtivo e trabalho mental/manual, diferentemente da forma que fora analisado por Olin Wright, não deve ser limitado à esfera econômica, antes deve ser entendido a partir de uma compreensão ampliada do modo de produção, que envolva também as esferas políticas e ideológicas. Ainda que no âmbito econômico a classe operária e a nova pequena burguesia assumam posições bem próximas, nos âmbitos político e ideológicos, as posições são distintas. Como observou Juan Mozzicafreddo (1981, p. 27), mesmo que a situação social do trabalho da nova pequena burguesia tenha tendência a

assemelhar-se à da classe operária, “nem por isso as práticas [políticas e ideológicas] se assemelham”.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho discorreremos sobre o debate travado entre Nicos Poulantzas e Erik Olin Wright em torno dos conceitos de classes e luta de classes. Os dois autores trouxeram grandes contributos ao estudo das classes sociais, em geral, e ao marxismo, em específico. Por isso, retomar este debate adquire especial importância na atual conjuntura do capitalismo contemporâneo marcada por profundas transformações econômicas, sociais e políticas.

Analisar as classes sociais não apenas em sua dimensão econômica, mas também política e ideológica e mostrar como a luta de classe se manifesta nas superestruturas política e ideológica, entendemos que é o grande contributo de Poulantzas. Por outro lado, aplicar conceitos analíticos às análises das conjunturas concretas é uma importante lição de Olin Wright que deve ser guardada por todos os cientistas sociais. Mozzicafreddo (1981, p. 27), em sua intervenção no debate, indica que deve haver a complementaridade analítica entre conjuntura e estrutura, orientação subjetiva e condicionantes objetivos.

Entendemos que este seja o grande desafio que o debate entre Poulantzas e Olin Wright nos apresenta: desenvolver análises que articulem conjuntura e estrutura, orientação subjetiva e condicionantes objetivos.

REFERÊNCIAS

ARONOWITZ, Stanley; BRATSIS, Peter. **Paradigm lost: state theory reconsidered**. Minneapolis: University of Minnesota, 2002.

BERRINGER, Tatiana. A Escola de Campinas: análise poulantziana da política brasileira. **Crítica Marxista**, [s. l.], n. 51, p. 37–56, 2020.

BOITO JR., Armando. Bobbio crítico de Poulantzas. **Cadernos Cemarx**, [s. l.], v. 1, n. 12, p. 19–35, 2019a.

BOITO JR., Armando. **Estado, política e classes sociais: ensaios teóricos e históricos**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

BOITO JR., Armando. Prefácio à edição brasileira. In: POULANTZAS, Nicos. **Poder político e classes sociais**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2019b.

BOITO JR., Armando. **Reforma e crise política no Brasil: os conflitos de classe nos governos do PT**. Campinas, SP: Editora da Unicamp / São Paulo, SP: Editora da Unesp, 2018.

CARMO, Renato Miguel; D'AVELAR, Maria Madalena. The weight of time and the unemployment experience: Daily life and future prospects. **Current Sociology**, [s. l.], v. 69, n. 5, p. 742–760, 2021.

CARMO, Renato Miguel; MATIAS, Ana Rita. As dimensões existenciais da precariedade: jovens trabalhadores e os seus modos de vida. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s. l.], n. 118, p. 53–78, 2019.

FILGUEIRAS, Vitor Araújo; DUTRA, Renata. Distinções e aproximações entre terceirização e uberização: os conceitos como palco de disputas. **Caderno CRH**, [s. l.], v. 34, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ccrh/a/T8x9Jj3ZkGRHjccQQcc57qc/?lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2022.

HALL, Stuart. O “político” e o “econômico” na teoria de classes marxista. In: HUNT, Alan (org.). **Classes e estrutura das classes**. Lisboa: Edições 70, 1982. p. 19–70.

HUNT, Alan (org.). **Classes e estrutura das classes**. Lisboa: Edições 70, 1982a.

HUNT, Alan. Teoria e política na identificação da classe operária. In: HUNT, Alan (org.). **Classes e estrutura das classes**. Lisboa: Edições 70, 1982b. p. 93–128.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. O imperialismo : fase superior do capitalismo. In: Lisboa: Avante!, 2000.

LIMA, Jacob Carlos; BRIDI, Maria Aparecida. TRABALHO DIGITAL E EMPREGO: a reforma trabalhista e o aprofundamento da precariedade. **Caderno CRH**, [s. l.], v. 32, p. 325–342, 2019.

MARTIN, James (org.). **The Poulantzas Reader. Marxism, Law and the State**. London: Verson, 2008.

MOTTA, Luiz Eduardo. Nicos Poulantzas, 30 anos depois. **Revista de Sociologia e Política**, [s. l.], v. 17, n. 33, p. 221–228, 2009.

MOZZICAFREDDO, Juan. Sobre a teoria das classes sociais. As contribuições de Erik Olin Wright e Nicos Poulantzas. [s. l.], n. 6, p. 5–46, 1981.

POULANTZAS, Nicos. A nova pequena burguesia. In: HUNT, Alan (org.). **Classes e estrutura das classes**. Lisboa: Edições 70, 1982. p. 129–142.

POULANTZAS, Nicos. **Fascisme et Dictatures: la Ille Internationale face au fascisme**. Paris: Françoise Maspero, 1970.

POULANTZAS, Nicos. **L' État, le pouvoir, le socialisme**. Paris: PUF, 1978.

POULANTZAS, Nicos. **Le crise des Dictatures - Portugal, Grèce, Espagne**. Paris: Maspero, 1975.

POULANTZAS, Nicos. **Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui**. Paris: Editions Seuil, 1974.

POULANTZAS, Nicos. **Poder político e classes sociais**. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2019.

POULANTZAS, Nicos. **Pouvoir Politique et Classes sociales**. Paris: Maspero, 1968.

SAES, Décio. A questão da autonomia relativa do Estado em Poulantzas. **Crítica Marxista**, [s. l.], v. 1, n. 7, p. 46–66, 1998a.

SAES, Décio. **Estado e democracia: ensaios teóricos**. Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998b.

SAES, Décio; FARIAS, Francisco Pereira de. **Reflexões sobre a teoria política do jovem Poulantzas**. Marília: Editora Lutas Anticapital, 2021.

WRIGHT, Erik Olin. Análise de Classes, História e Emancipação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s. l.], n. 40, p. 15–51, 1992a.

WRIGHT, Erik Olin. Class Boundaries in Advanced Capitalist Societies. **New Left Review**, [s. l.], n. 1/98, p. 3–41, 1976.

WRIGHT, Erik Olin. **Classes**. Lisboa: Edições Pedagogo, 2013.

WRIGHT, Erik Olin. **Como ser anticapitalista no século XXI?** São Paulo: Boitempo, 2019.

WRIGHT, Erik Olin. **Reconstructing Marxism**: Londres: Verso, 1992b.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Accountability 79, 107, 108, 109, 111, 120, 121
América Latina 30, 31, 33, 34, 36, 64, 78, 123
Antiimperialismo 32, 33, 34, 35, 36, 37
Aristocracia 55, 168, 174, 175, 176
Ativismo judicial 80, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

B

Brasil 11, 29, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 78, 81, 83, 84, 86, 91, 97, 105, 108, 120, 123, 126, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 136, 138, 139, 141, 142, 145, 146, 150, 151, 159, 169, 180, 189

C

Capitalismo 32, 33, 34, 35, 36, 50, 51, 55, 58, 61, 62, 79, 168, 176, 180
Ciberativismo 64, 68, 69, 77, 78
Cidadania 26, 28, 29, 73, 89, 107, 191
Ciência política 26, 28, 29, 52, 64, 80, 135, 138, 144, 182
Classe 10, 27, 29, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 66, 67, 68, 71, 79, 89, 101, 102, 103, 169, 171, 172, 179, 180
Comunicação 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 15, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 64, 65, 78, 105, 107, 108, 114, 135, 185, 186, 187, 191
Corrupção 64, 68, 71, 73, 74, 76, 77, 81, 128
Currículo 144, 146, 147, 148, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159

D

Danos morais 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105
Defesa 2, 17, 22, 32, 36, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 157, 158, 159, 178, 189
Democracia 15, 22, 26, 28, 29, 36, 63, 70, 78, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 109
Desenvolvimento 27, 32, 33, 35, 64, 69, 78, 87, 91, 107, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 141, 144, 148, 150, 151, 152, 156, 157, 158, 182, 183, 185, 187, 188, 191
Direita 26, 27, 28, 35, 64, 65, 68, 73
Direito 80, 81, 82, 86, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 122, 135, 136, 137, 143, 171

Direitos fundamentais 11, 80, 81, 84, 86, 87, 89, 183, 184

E

Economia 36, 52, 67, 84, 91, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 169, 171, 180, 182, 191

Educação 29, 68, 78, 97, 130, 132, 144, 157, 159, 191

Ensino 26, 27, 29, 64, 136, 138, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 159

Esquerda 26, 27, 28, 65, 67, 68, 72, 73, 74, 75, 77

Estado 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 39, 41, 45, 46, 47, 50, 52, 55, 58, 61, 62, 63, 70, 73, 81, 82, 83, 88, 89, 91, 102, 106, 111, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 136, 141, 149, 151, 161, 166, 170, 179, 182, 183, 186, 187

Executivo 66, 81, 83, 84, 85, 87, 89, 90, 114, 116, 117

F

Facebook 64, 65, 68, 70, 71, 72, 75, 77, 78

Força aérea 144, 145, 146, 147, 149, 151, 152, 154, 157, 159

G

Gestão 81, 107, 108, 109, 111, 113, 115, 120, 122, 134, 151, 157, 182, 183, 187, 191

Governo 18, 27, 28, 35, 64, 66, 67, 68, 71, 72, 77, 79, 83, 107, 108, 109, 120, 123, 127, 128, 129, 170, 183, 186, 189

Guerra fiscal 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

I

Impeachment 64, 65, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 81

Imperialismo 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 55, 62

Indústria 58, 93, 130, 169, 176, 184, 186, 187, 188

Inglaterra 7, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 179

J

Judicialização 80, 81, 84, 85, 86, 87, 89, 91

L

Legislativo 81, 83, 85, 87, 89, 90, 115, 116, 117, 119

Lei de responsabilidade fiscal 107, 108, 109, 112, 120

M

Marxismo 31, 35, 49, 52, 53, 57, 58, 61

MBL 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

Mentira 3, 9, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 74

Moçambique 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190

Monarquia 168, 169, 170, 171, 175, 178, 179, 180

O

Omissão 1, 10, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 89, 101, 104

P

Pensamento 4, 30, 31, 32, 36, 52, 58, 98, 123, 124, 125, 126, 129, 132, 134, 141, 143, 172, 177, 180

Persuasão 5, 11, 15, 18, 20, 21, 22, 23

Pesquisa 2, 3, 4, 5, 9, 26, 27, 29, 50, 52, 58, 64, 65, 68, 69, 70, 72, 80, 82, 84, 86, 93, 95, 104, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 120, 122, 124, 125, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 139, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 156, 159, 191

Poder judiciário 81, 84, 86, 87, 88, 89, 91, 94

Política 1, 7, 9, 15, 17, 20, 24, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 70, 72, 73, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 98, 108, 122, 124, 126, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 149, 150, 151, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 166, 168, 169, 170, 179, 182, 187, 188, 189, 191

População 27, 28, 65, 66, 69, 70, 74, 75, 77, 90, 108, 109, 110, 112, 138, 141, 149, 182, 183, 185, 188, 189

R

Reassentamento 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190

Redes sociais 64, 69, 70, 71, 77, 78, 84, 85, 137, 185, 187

Relações internacionais 30, 52, 122, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 182, 191

S

Sociedade 5, 24, 28, 29, 34, 36, 50, 66, 67, 70, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 109, 110, 111, 125, 126, 133, 134, 137, 141, 150, 157, 168, 171, 175, 177, 179, 180, 191

Supremo tribunal federal 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 98, 106

T

Transparência 107, 108, 109, 113, 120, 121

Tributação 122, 124, 130, 131

V

VPR 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77



Ciência Política: Debates temáticos 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2022

Ciência Política: Debates temáticos 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Editora
Ano 2022

